

XV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología. XXX Jornadas de Investigación. XIX Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. V Encuentro de Investigación de Terapia Ocupacional V Encuentro de Musicoterapia. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2023.

Os instrumentos de avaliação no curso de psicologia: um olhar para os futuros profissionais.

Suzana, Bezerra De Menezes.

Cita:

Suzana, Bezerra De Menezes (2023). *Os instrumentos de avaliação no curso de psicologia: um olhar para os futuros profissionais*. XV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología. XXX Jornadas de Investigación. XIX Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. V Encuentro de Investigación de Terapia Ocupacional V Encuentro de Musicoterapia. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-009/105>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ebes/1sY>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NO CURSO DE PSICOLOGIA: UM OLHAR PARA OS FUTUROS PROFISSIONAIS

Suzana, Bezerra De Menezes

Universidade Anhanguera de São Paulo. São Paulo, Brasil.

RESUMEN

A avaliação psicológica tem recebido bastante destaque nos últimos anos, embora diversos problemas relacionados à atuação profissional inadequada na área, bem como problemas de formação, venham sendo apontados na literatura. Nesse sentido, o presente trabalho visou a inserir alguns instrumentos e conceitos essenciais da avaliação Psicológica como: O DFH, CAT, EAE-EP, Matrizes de Habilidades e Interesses Profissionais, Hora do Jogo, Família Terapêutica, Desenhos-Estórias, Caixa Lúdica, para alunos de graduação em Psicologia na Universidade Anhanguera de São Paulo, Brasil, durante o semestre de 2022. Como definição da avaliação psicológica, métodos que podem ser utilizados durante esse processo, o sistema de avaliação dos testes psicológicos (SATEPSI), os requisitos mínimos para a aprovação de um instrumento, definição de validade e precisão. Os resultados foram assustadores, os alunos verbalizaram que o aprendizado foi escasso no que se refere os instrumentos de avaliação Psicológica. Alguns obtiveram conhecimento somente teórico, outros obtiveram conhecimentos práticos, porém não se sentem aptos na aplicação e validação dos testes. É preocupante no que está ocorrendo no curso de Psicologia, tendo em vista, que nem todos os profissionais vão buscar conhecimento científico e prático em cursos de extensão, grupos de estudos, supervisão e Pós Graduação.

Palabras clave

Avaliação psicológica - Formação de psicólogo - Instrumentos psicológicos - Formação de psicólogo (A)

ABSTRACT

EVALUATION INSTRUMENTS IN THE PSYCHOLOGY COURSE: A LOOK AT PROFESSIONAL FUTURES

Psychological assessment has received a lot of attention in recent years, although several problems related to inadequate professional performance in the area, as well as training problems, have been pointed out in the literature. In this sense, the present work aimed to insert some instruments and essential concepts of Psychological evaluation such as: DFH, CAT, EAE-EP, Matrices of Skills and Professional Interests, Game Time, Therapeutic Family, Drawings-Stories, Ludic Box, to undergraduate students in Psychology at the Anhanguera University of São Paulo, Brazil,

during the semester of 2022. As a definition of psychological assessment, methods that can be used during this process, the psychological test assessment system (SATEPSI), the minimum requirements for approval of an instrument, definition of validity and accuracy. The results were frightening, the students verbalized that learning was scarce with regard to psychological assessment instruments. Some obtained only theoretical knowledge, others obtained practical knowledge, but they do not feel able to apply and validate the tests. What is happening in the Psychology course is worrying, considering that not all professionals will seek scientific and practical knowledge in extension courses, study groups, supervision and Post-Graduation.

Keywords

Psychological assessment - Psychologist training - Psychological instruments - Clinical psychology

OBJETIVO GERAL:

Qual a importância de introduzir os instrumentos de avaliação, para os estudantes do curso de Psicologia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Procurar entender quais as dificuldades dos alunos de Psicologia em compreender os instrumentos de avaliação Psicológica; Identificar as resistências em pesquisas nos instrumentos de avaliação Psicológicas

Analisar o conhecimento que os alunos obtiveram durante o semestre.

MÉTODO:

O campo de estudo foi realizado na sala de aula e na clínica escola de Psicologia da Universidade Anhanguera de São Paulo, localizada na zona norte de São Paulo, Brasil.

As aulas foram realizadas uma vez por semana com duração de 3 hora aula, durante um semestre. As aulas teóricas eram ministradas em sala de aula, já as aulas práticas era na Clínica Escola de Psicologia da Anhanguera de São Paulo.

Foi utilizado livros, artigos, testes e alguns instrumentos na disciplina medidas de Avaliação III. Para complementar o ensino ministrado em sala de aula, a Faculdade disponibiliza um ambiente virtual de aprendizado - AVA. Esse sistema o professor

posta toda semana a Pré aula, aula e Pós aula, ou seja o aluno tem conteúdos para que possam ampliar o seu conhecimento científico, tendo em vista que na sala de aula nem sempre é possível o professor explicar todo o conteúdo, pois é importante respeitar aluno e pensando como profissional no mercado de trabalho.

No início do semestre, fiz uma conversa sobre os conhecimentos no qual as alunas obtiveram a respeito dos instrumentos de avaliação Psicológica. Fiz um levantamento e planejamento de dados teóricos e práticos e percebi que faltava bastante conteúdo de Psicometria. Principalmente em Instrumentos (testes) para avaliar as crianças e adolescentes em Orientação Profissional. Para ampliar o conhecimento, além das Provas Institucionais, solicitei um trabalho acadêmico, onde cada aluno escolheu um instrumento de avaliação Psicológica, fizeram uma pesquisa científica, aplicaram e apresentaram.

Os instrumentos utilizados foram EAE-EP Escala de auto eficácia para Escolha Profissional; Matrizes de Habilidades e Interesses Profissionais; DFH Desenho da Figura Humana; CAT ou Teste de Apercepção Infantil; Caixa Lúdica; Hora do Jogo, Desenho-Estória; Família Terapêutica.

Esse artigo foi realizado uma pesquisa, com o objetivo de levar os estudantes a conhecer alguns instrumentos de avaliação em Psicologia, visando o manuseio, a mensuração, a aplicação e a ética num processo de Psicodiagnóstico ou de Psicoterapia. Foi realizado durante o segundo semestre de 2022 no curso de Psicologia, na disciplina de Medidas de Avaliação em Psicologia III, na Universidade Anhanguera de São Paulo, Brasil.

INTRODUÇÃO

A Avaliação Psicológica é um processo técnico e científico realizado com pessoas ou grupos de pessoas que, de acordo com cada área do conhecimento e com as demandas exigidas, requer metodologias específicas. A Resolução CFP nº 9/2018, em vigência, define a Avaliação Psicológica como um processo estruturado de investigação de fenômenos psicológicos, composto de métodos, técnicas e instrumentos, com o objetivo de prover informações a tomada de decisão, no âmbito individual, grupal ou institucional, com base em demandas, condições e finalidades específicas.

De acordo Wechsler:

a avaliação psicológica no Brasil é função privativa do psicólogo, definida pela lei nº 4.119, de 1962, que regulamenta a profissão; e corresponde ao processo de coleta de dados e interpretações de informações, por meio de teorias, métodos e instrumentos psicológicos. Tem por finalidade obter maior conhecimento do indivíduo, do grupo ou situações, a fim de atingir os objetivos definidos e, assim, auxiliar em processos de tomada de decisões (1999, p. 68).

Nesse sentido, enfatiza-se que a avaliação psicológica é dinâmi-

ca e constitui-se em fonte de informações de caráter explicativo sobre os fenômenos psicológicos, com a finalidade de subsidiar os trabalhos nos diferentes campos de atuação do psicólogo - dentre eles, clínico, saúde, educação, trabalho, contextos de avaliações compulsórias e outros setores em que ela se fizer necessária. Trata-se de um estudo que requer um planejamento prévio e cuidadoso, que envolve a escolha de procedimentos adequados às demandas e fins aos quais a avaliação se destina. Avaliação psicológica é uma importante área de atuação profissional do psicólogo, sendo utilizada em muitos contextos, uma vez que as intervenções psicológicas devem ser amparadas por informações levantadas por instrumentos cientificamente estudados, com características psicométricas adequadas à situação e à população avaliada.

A avaliação psicológica é geralmente entendida como uma área aplicada, técnica, de produção de instrumentos para o psicólogo, visão certamente simplista da área. A avaliação psicológica não é simplesmente uma área técnica produtora de ferramentas profissionais, mas sim a área da psicologia responsável pela operacionalização das teorias psicológicas em eventos observáveis. Como isso ela fomenta a observação sistemática de eventos psicológicos abrindo os caminhos para a integração teoria e prática.

A avaliação psicológica é uma atividade ampla e fundamental, cuja utilização pode se dar em vários contextos de atuação do psicólogo. A preocupação com a área tem sido um tema amplamente discutido por pesquisadores em todo o Brasil. Esse movimento de reflexão é decorrente dos inúmeros problemas identificados na área, o que parece pertinente, uma vez que a ciência psicológica, assim como em outras, possui característica dinâmica e necessidade de atualização constante, gerando o seu desenvolvimento em todos os âmbitos, bem como na área de avaliação psicológica.

Ainda existe uma visão bastante estereotipada e divulgada no senso comum, principalmente aquelas que definem avaliação psicológica de forma bastante genérica, tais como procedimento de aplicação de testes, mensuração, utilização de instrumentos, conjunto de métodos e técnicas, procedimento ou ainda prática psicológica.

Tais categorias mostraram-se frequentes tanto nas respostas dadas por estudantes como por profissionais, embora fosse esperado melhor desempenho por parte dos últimos. Como exemplo de respostas, podem ser citadas: “área da Psicologia que trabalha com processos de mensuração, utilizando-se de vários instrumentos, inclusive testes, escalas e outros”, ou ainda “conjunto de métodos e técnicas de análise em Psicologia” (Castro, P.F. & Rocha Jr, A. (1997)

Pretende-se abordar os mal entendidos que fazem a prática divergir da ciência contrastando-os com as ideias originadas de pesquisas recentes e com isso contribuir para a dissolução desses mal entendidos e para um movimento de maior convergência dos discursos dos cientistas e futuros profissionais,

para que possam aprender com e utilizar os instrumentos de avaliação com ética.

Instrumentos de Avaliação em Psicologia

CAT ou Teste de Apercepção Infantil

Foi criado em 1968 por Leopold Bellak, um psiquiatra americano. É utilizado em crianças de ambos os sexos. O CAT é um procedente direto do TAT (Teste de Apercepção Temática).

É um instrumento bastante utilizado em avaliações psicológicas, principalmente na clínica com crianças. Tendo como fundamento a teoria psicanalítica, vem sendo geralmente analisado com base nesses pressupostos teóricos sem que, durante muito tempo, houvesse interesse específico na comprovação da validade das interpretações atribuídas ao material fornecido pela criança.

A técnicas projetiva e avaliação da cognição. Constatou-se uma carência de estudos com intuito de verificar a validade e precisão desta técnica, principalmente em relação ao construto cognição.

Faixa etária: dos 3 aos 10 anos.

O DFH

O Teste do Desenho da Figura Humana é amplamente utilizado como uma técnica de avaliação do desenvolvimento cognitivo, porém, o reconhecimento da validade deste instrumento ainda hoje não está completo. No Brasil, o Sistema Wechsler de avaliação cognitiva do DFH já foi aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia.

No entanto, considerando a necessidade de periodicamente se reavaliar o instrumento, o objetivo deste estudo foi avaliar a validade convergente e concorrente do DFH-Sistema Cognitivo de Wechsler. Para validade convergente foi utilizado o teste das Matrizes Coloridas Progressivas de Raven, validado nacional e internacionalmente.

É bastante útil e recomendado para o avaliador que necessita de uma medida rápida do desenvolvimento cognitivo da criança, fornecendo uma indicação bem razoável da localização do examinando em relação aos seus pares mais novos e mais velhos. Apresenta, assim, uma escala de escalonamento em termos de habilidade da pessoa, no caso de seu desenvolvimento, e da dificuldade do detalhe desenhado em função da idade.

A característica não verbal do teste o torna particularmente conveniente, também, para o exame mental de crianças com dificuldades de atenção.

O teste é composto por dois desenhos da figura humana (um masculino e outro feminino).

A criança faz cada um dos desenhos numa folha apropriada. A correção é realizada pelo total de pontos adquiridos pela criança em cada um dos desenhos; pela avaliação quantitativa e qualitativa.

Faixa etária: dos 5 aos 10 anos.

EAE-EP Escala de auto eficácia para Escolha Profissional

A Escala de Auto eficácia Para Escolha Profissional (EAE-EP) avalia a crença de pessoas na própria capacidade de engajar-se em atividades relativas à escolha profissional.

Auxilia os psicólogos a tomarem decisões sustentadas na avaliação da auto eficácia, por meio de quatro fatores: Auto eficácia Para Auto avaliação, Auto eficácia Para Coleta de Informações Ocupacionais, Auto eficácia Para Busca de Informação Profissional e Auto eficácia Para Planejamento de Futuro. Trata-se de um teste nacional, criado e desenvolvido para a população brasileira. É importante ressaltar que a avaliação da auto eficácia para escolha profissional pode ser de grande utilidade e importância em processos de OP, tanto grupais quanto individuais, principalmente com o objetivo de identificar necessidades e planejar intervenções. Assim, tal avaliação pode ser útil nos contextos escolar e clínico, auxiliando o profissional de psicologia a avaliar os programas oferecidos e implementar a qualidade dos atendimentos.

Faixa etária do público final: jovens de 14 a 21 anos.

Matriz de habilidades e interesses profissionais

É uma ferramenta que oferece a possibilidade de articular e visualizar níveis de competência e de motivação percebidos em relação a um conjunto de 72 habilidades de trabalho relacionadas a esclarecer e priorizar preferências por habilidades e áreas ocupacionais; identificar competências estratégicas para o sucesso na carreira; definir metas de treinamento, desenvolvimento e educação de competências profissionais.

As habilidades estão descritas em cartões, construídos de forma coordenada com o modelo hexagonal de interesses profissionais de Holland. Este modelo propõe que as pessoas e os ambientes de nossa cultura podem estar descritos por meio de seis tipos:

- Realista (R)
- Investigativo (I)
- Artístico (A)
- Social (S)

Este instrumento é destinado a orientadores profissionais, orientadores educacionais, profissionais de gestão de pessoas, consultores de desenvolvimento de carreiras em organizações de trabalho, coaches de carreira e todos os profissionais engajados na tarefa de auxiliar pessoas a Escolher e/ou planejar a carreira.

Aplicação: Individual ou em grupo

Faixa etária: a partir de 16 anos.

Caixa lúdica

No começo, a psicanálise não atendia crianças. Hermine Von Hug-Hellmuth, Anna Freud (filha de Sigmund Freud) e Melanie Klein foram as primeiras psicanalistas a atenderem crianças. É verdade que Freud analisou o Pequeno Hans (sendo que os primeiros relatos apontam que esse tinha 3 anos), mas as observações foram feitas pelo pai da criança e Freud encontrou

uma única vez com Hans (Reghelin, 2008).

Anna e Klein trilham caminhos distintos e propuseram atuações clínicas muito diferentes. Para Anna, “o analista deve ser educador, porque o superego do paciente ainda depende dos objetos exteriores que o originaram e não está maduro.” (Paula, 2017, p.16). Podemos dizer que sua orientação clínica foi essencialmente pedagógica e que voltou-se mais para o Ego consciente do que para a esfera do inconsciente (Zimerman, 2004), além de valorizar os processos como sonhos, fantasias diurnas, desenhos e limitando a utilização de jogos (Trapiá et al., 2012).

“Anna Freud entendia o brincar como atividade expressiva e não simbólica (pois o simbólico estava ligado ao reprimido) e Melanie Klein via o brincar como alocação e destinado ao analista, pressupondo diferentes níveis de simbolização conforme idade, nível de funcionamento mental, quantidade e qualidade das angústias da criança” (Reghelin, 2008, p. 217).

Klein foi responsável por introduzir uma modificação na técnica básica da psicanálise e substituiu a palavra pelo brincar. Dessa forma, propôs que a brincadeira seria uma via de acesso aos conteúdos inconscientes da criança, equivalendo o meio à linguagem verbal do adulto. “Diferente de Anna Freud, Klein baseia-se na utilização do jogo e continua as investigações de Freud, a fim de construir um arcabouço teórico, a partir da observação de bebês e dos atendimentos com crianças.” (Paula, 2017, p.16).

Faixa etária: até 11 anos.

Hora do Jogo

É um recurso técnico muito interessante que o psicólogo pode utilizar com crianças em uma entrevista diagnóstica. O objetivo de tal técnica é conhecer a realidade da criança a partir do seu brincar livre e espontâneo, já que a atividade lúdica é considerada uma forma de expressão das crianças, como de conflitos, desejos, fantasias, etc. Ou seja, a compreensão do mundo infantil é bastante complexa, então são necessários recursos apropriados para que haja uma compreensão mais eficiente desse mundo. Assim, a Hora do Jogo Diagnóstica é um meio pelo qual facilita a comunicação das crianças, sobretudo porque o brincar é universal, pois está presente em todas as culturas (embora haja variações de uma cultura para outra).

A hora do jogo diagnóstica, fundamentada principalmente por teóricos psicanalistas, é um recurso e instrumento técnico que possibilita a compreensão da realidade e do funcionamento psicológico da criança. Nesta atividade o brinquedo se torna um mediador que possibilita à criança representar suas fantasias, projetar seus conflitos e atualizar suas relações no aqui e agora. Esta atividade deve ser realizada de modo estruturado, ou seja, com tempo e espaço delimitados, com papéis explicitados e com uma finalidade específica.

A sala onde se realiza a observação diagnóstica deve ser um

lugar razoavelmente amplo, seguro e fácil de limpar, de maneira que dê liberdade à criança para se expressar. Os brinquedos são colocados à sua disposição, para usá-los como quiser. Eles devem ser bastante variados, incluindo bonecos de plástico, animais domésticos e selvagens, carrinhos, caminhões e aviões de plástico, tinta de diversas cores, papel sulfite, lápis (preto e de cores), pincel, tesoura sem ponta, cola, barbante, argila, bacia ou pia com água etc. É importante observar como a criança dá início à estruturação do seu brincar - qual a sequência dos jogos, brinquedos preferidos, comentários verbais etc.

A primeira ação que ela realiza, na hora do jogo, e o tempo que transcorre até seu início denotam sua atitude perante o mundo. O grau de inibição no jogo manifesta a gravidade da sua neurose. Por isso, a primeira sessão é tão importante, pois nela a criança mostra sua fantasia inconsciente de enfermidade e de cura e, também, como aceita ou rejeita o papel do terapeuta.

A análise da hora de jogo não é padronizada, mas existem alguns itens importantes para fim diagnóstico e prognóstico, que podem auxiliar na percepção dos aspectos dinâmicos e estruturais da criança. Os indicadores são: escolha de brinquedos e brincadeiras, modalidades de brincadeiras, personificação, motricidade, criatividade, capacidade simbólica, tolerância à frustração e adequação à realidade.

Faixa etária: até os 12 anos.

Desenhos-Estórias

O desenho livre é um recurso auxiliar da entrevista, muito utilizado para levantar informações sobre vários aspectos da personalidade. Quando associado a estórias, como propõe Trinca (1997), torna-se um método de investigação diagnóstica extremamente útil na prática clínica.

O Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) é uma técnica não estruturada, baseada no método da associação livre, que dá liberdade à criança para criar e associar. É um procedimento clínico de investigação diagnóstica, o qual emprega recursos das técnicas gráficas e temáticas, a fim de construir uma nova abordagem da vida psíquica. Formado basicamente pela associação de processos expressivomotores (entre os quais se inclui o desenho livre) e processos aperceptivo-dinâmicos (verbalizações temáticas), o D-E consiste de cinco unidades de produção, realizadas pelo examinando, cada uma composta de um desenho livre, estória, inquérito e título.

A técnica de aplicação é bastante simples, assim como o material: folhas de papel em branco, sem pauta, tamanho ofício, lápis de cor e lápis preto nº 2. O material é espalhado sobre a mesa, onde devem estar sentados, frente a frente, o aplicador e o examinando. Uma vez estabelecido um bom rapport, coloca-se diante do sujeito uma folha de papel na posição horizontal e pede-se a ele para fazer um desenho livre - o que quiser e como quiser. Em seguida, solicita-se ao examinando para, olhando o desenho, criar uma estória sobre ele - o que acontece, quem são seus personagens etc. Concluída a estória, faz-se um inquérito,

com a finalidade de esclarecer os aspectos que não ficaram claros, no desenho ou na estória. O inquérito é importante na interpretação do material produzido, já que estimula o surgimento de novas associações.

Ao final do inquérito, pede-se ao examinando para dar um título à sua produção. Se uma sessão não for suficiente para as cinco produções, pode-se marcar outra sessão para completá-las. Os desenhos podem ser cromáticos ou acromáticos. Durante a aplicação, toma-se nota detalhada da estória, das verbalizações do sujeito enquanto desenha, da ordem das figuras desenhadas, dos recursos auxiliares utilizados por ele, das perguntas e respostas na fase do inquérito, do título, bem como de todas as reações expressivas, verbalizações paralelas e outros comportamentos observados.

Faixa etária: Entre 5 e 15 anos.

Família terapêutica

A família terapêutica é um conjunto de bonecos que representam a estrutura familiar. Hoje em dia já se encontra no mercado bonecos com deficiências físicas, que permitem o trabalho com estas situações. O mesmo em relação a bonecos que podem compor famílias multiétnicas, cada vez mais comum em nossa sociedade, em virtude do deslocamento das pessoas entre os diversos países do mundo.

O Psicólogo (a) deve ter uma gama de personagens para utilizar de acordo com a necessidade de cada paciente, agregando ou retirando personagens, conforme for o caso. Bebês, avós, animais de estimação, podem ou não estar presentes.

A atividade com os bonecos que compõem a família é sempre um jogo simbólico, no qual se representam papéis. O (a) Psicólogo (a) deve se colocar na brincadeira, quando é solicitado ou somente visualizando, assumindo um dos personagens da trama que é simbolizada. Pode ser a mãe, o pai, ou mesmo a criança, dependendo do caso, (Kichimoto, 1998).

O brincar é algo natural na rotina da criança, assim, pode-se usar como estratégia para o cuidado, oferecendo uma assistência mais integral. No brincar, a criança desenvolve o neuropsicomotor e socializa o uso do boneco, além de desenvolver esses lados, servirá para aliviar o estresse do cotidiano, a compreender o procedimento e a construir vínculo entre criança/família e Psicoterapeuta.

Se houver possibilidade de agregar ao jogo uma casinha de bonecas ou uma mobília, a brincadeira fica mais rica porque ganha um cenário.

O brincar é uma atividade própria da infância e está relacionada com o desenvolvimento motor, emocional, mental e social da criança, agindo como forma de adaptação, de lidar com realidade e como meio de formação, manutenção e recuperação da saúde. Para abrir espaços subjetivos relacionados com a aprendizagem, o (a) Psicólogo (a) precisa utilizar alguns materiais que permitam, por meio do jogo simbólico, que a criança possa verbalizar as questões que enfrenta no ambiente familiar. A avaliação clí-

nica é de natureza terapêutica e, neste sentido, deve propiciar espaços onde a criança possa utilizar a família terapêutica, para parti-la de o jogo simbólico fazer toda a sua representação sobre a casa, a escola e a família.

A atividade lúdica é um instrumento natural na intervenção clínica em Psicopedagogia e utilizar o brincar com a família terapêutica propicia transcendências a respeito da relação da criança com sua família em geral e com os seus membros, em particular. No brincar com os bonecos pode ser vivenciada a totalidade da família. Isto terá uma atuação complementar positiva sobre a criança. Pode-se perfeitamente dizer-lhe que há famílias de todos os tipos, que em algumas faltam o pai, noutras os avós, podemos mostrar que o número de filhos é variável, no entanto, esta percepção durante o brincar é vivenciada com maior naturalidade, sem necessidade de intelectualização. Também pode a criança durante a brincadeira fazer “desaparecer” o pai, a mãe ou um irmãozinho, ou também ocultar, mostrando somente a família ideal.

A mulher pode ser motorista de caminhão e o homem professor de jardim-de-infância. Hoje em dia, ninguém tem algo contra este tipo de escolha de emprego e as decisões são livres. Porém, no brincar de casinha, naturalmente os arquétipos femininos e masculinos são mantidos pelas crianças. As situações que fogem aos modelos são especialmente apresentadas durante o brincar que, desta forma, torna-se um instrumento da fala da criança.

É através da família terapêutica no qual a criança vai fazendo a sua representação social da sua casa, da escola, dos amigos, dos medos, ansiedades, agressividade familiar, maus tratos em escolas e até um abuso sexual no qual a criança foi acometida. O Psicólogo através das entrevistas, da anamnese, tem condições de fazer uma avaliação clínica através da representação social dos bonecos, do cenário que a criança faz e até das ocultações de bonecos (como o pai, a mãe, dentre outros).

Estudo refere que brincadeira é uma das principais linguagens na infância, e que é através dela que a criança dá significado e conhece o mundo, constituindo suas práticas culturais.

Faixa etária: Até a fase adulta.

RESULTADO

É gratificante chegar ao final do semestre e ver a gratidão das alunas, a satisfação pelo conteúdo aprendido e saber que além de contribuir com o conhecimento teórico e prático, estou colocando futuros profissionais no mercado de trabalho e com a consciência de que vão conseguir atender as demandas dos pacientes.

Durante o semestre, foram bastante desafio, uma vez que a Clínica Escola da Universidade tem pouco material de Psicometria, e alguns alunos tem realizado muita busca pelo site do Google. E principalmente com relação aos instrumentos de Avaliação Psicológica. É uma preocupação muito grande, pois sabemos que não é ético colocar testes em sites com pouca veracidade. Quanto às atividades práticas também há um conjunto signifi-

cativo de profissionais que aplicam exercícios em sala de aula e chamam esta atividade dirigida de atividade prática, sendo que para se configurar como prática existe a necessidade de aplicações e contato com o material e com o colaborador em situações que se assemelham, o máximo possível, a uma atividade profissional, para que, desta forma, o estudante possa realizar uma aplicação dentro de um contexto clínico e vivenciar a prática de forma mais consistente (Castro e Rocha Júnior, 1997). Para saber o quanto foi aprendido pelas alunas, cada grupo escolheu um instrumento de avaliação, escolheu uma criança, adolescente ou adulto para aplicar e depois fez a explanação em sala de aula.

Foi notório ver o resultado positivo, uma vez que além de colocar em prática, ainda conseguiram explicar para os colegas em sala de aula.

A partir das diferenças e divergências apresentadas pelas alunas e alunos, observa-se a grande necessidade de maiores discussões sobre este assunto, subsidiando futuras reflexões sobre o tema, a fim de que possamos possibilitar uma formação mais consistente e, talvez, uniformizada para nossos alunos.

CONCLUSÃO

Durante o curso de Psicologia o aluno deve ter conhecimentos de psicometria, mais especificamente sobre as questões de validade, precisão e normas dos testes, e ser capaz de escolher e trabalhar de acordo com os propósitos e contextos de cada teste; ter domínio dos procedimentos para aplicação, levantamento e interpretação do(s) instrumento(s) e técnicas utilizados na avaliação psicológica, bem como ter condição de planejar a avaliação com maestria, adequando-a ao objetivo, público-alvo e contexto; integrar dados obtidos de fontes variadas de informação e fazer inferências a partir delas; ser crítico e reflexivo, sabendo pensar de forma sistêmica em um caso individual ou grupal, bem como junto a equipes multidisciplinares; elaborar documentos psicológicos decorrentes da Avaliação Psicológica. Consulta ao Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI Os testes psicológicos, enquanto ferramentas padronizadas que compõem o processo de AP devem ter qualidade atestada para garantir que as decisões tomadas a partir de seus resultados sejam as mais adequadas ao avaliado (AERA et al., 2014; CFP, 2018; Urbina, 2014).

Atualmente, no Brasil, a Resolução 009/2018 (CFP, 2018) que estabelece diretrizes para a realização de AP no exercício profissional, regulamenta o SATEPSI, o qual possui como função buscar a qualidade técnica e ética dos serviços do psicólogo.

Diversos são os conhecimentos e habilidades que a (o) psicóloga (o) precisa demonstrar com competência para realizar uma avaliação psicológica baseada na ética, técnica e ciência. A formação em um curso superior de Psicologia e a inscrição ativa no Conselho Regional de Psicologia não garantem as competências necessárias para se realizar uma avaliação psicológica com qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa disciplina eu sempre gostei de lecionar, principalmente porque podemos trabalhar a práxis (a prática e a fundamentação teórica). No primeiro dia de aula, sempre faço a pergunta inicial, ou seja, o que vocês aprenderam nessa disciplina. As alunas foram discorrendo e logo avisei que faríamos as nossas aulas na clínica de Psicologia da Anhanguera (Campus Marte). Fiquei surpresa ao ver a felicidade e ansiedade de ir até a clínica e também a falta de conhecimento dos instrumentos. Iniciei com o teste EAP-EP, explicando, e apliquei em todas as alunas, após a aplicação, fiz a impressão e expliquei a diferença de um teste que a correção é via internet.

Outros estudos também relatam que o ensino da avaliação psicológica tem sido insuficiente para o domínio nesta atividade, assim como para o diagnóstico psicológico. Dentre as sugestões descritas nessas pesquisas, destaca-se maior aprofundamento teórico sobre a prática; qualidade do ensino da técnica em detrimento da quantidade do ensino de testes; compreensão dos limites e alcances das técnicas; estabelecimento de conteúdos básicos que devam ser trabalhados na graduação; dentre outras (Jacquemin, 1995; CFP, 2000; Lima, 2001; Alchieri & Bandeira, 2002; Hutz & Bandeira, 2003; Noronha & cols., 2002; Noronha & Alchieri, 2004).

A Psicometria ainda é assustador para a maioria dos alunos no curso de Psicologia, uma vez que as Universidades não estão vendo esse item como um recurso fundamental de aprendizado para todos os estudantes. Não podemos pensar que um profissional irá sair com um diploma, porém com pouco conhecimento em avaliação Psicológica. Além das dificuldades que foram aparecendo durante o semestre, algumas alunas queriam informações rápidas e práticas, ou seja, a tecnologia favorece o conhecimento, porém dificulta no que tange a falta de leitura e pesquisas.

Dessa maneira, o que se pode notar é que a formação em avaliação psicológica tem constituído um problema central na formação em Psicologia, tendo-se em vista que diferentes autores têm apontado uma relação entre atuações profissionais impróprias e formação inconsistente na área (Noronha, Primi, & Alchieri, 2005), isso porque tem sido bastante unânime a constatação de que as disciplinas de avaliação psicológica têm, historicamente, enfatizado prioritariamente questões relativas à aplicação, à correção e à interpretação dos instrumentos (Alchieri & Bandeira, 2002), sendo bastante ausentes discussões mais críticas a respeito do teste ou até de conteúdos mais específicos de psicometria (Noronha, Baldo, Barbin, & Freitas, 2003). Assim, o ensino dos instrumentos psicológicos tem se mostrado, segundo Trevisan (2011), “insuficiente, necessitando de maior aprofundamento teórico e prático, com a compreensão dos limites e do alcance de cada uma das técnicas.

Nesse sentido, apesar de se ter uma definição simples e clara do que se pretende objetivar com a formação específica na área de

avaliação psicológica brasileira, parece que “a grande dificuldade de tem sido traduzir tais premissas em ações mais concretas, do tipo como formar, o que priorizar e qual a melhor metodologia a ser empregada nesse processo” (Noronha, 2006, p. 246).

Isso decorre do fato de que, ainda que as diretrizes indiquem os conhecimentos de avaliação psicológica como uma das competências e habilidades que deveriam ser priorizadas pelas instituições, a norma não especifica um número de disciplinas, de horas ou conteúdos, conforme apontado por Alves (2009).

Em diversos textos trabalhados em sala de aula, foi notório ver diversos autores têm se mostrado preocupados com a diminuição considerável no número de disciplinas referentes a avaliação psicológica.

Conforme salientado por Lohr (2011):

O graduando necessita, além de conhecer os testes psicológicos, receber noções de como se elabora um instrumento e de como uma análise dos resultados que ele fornece pode ser conduzida. Somente assim, ainda segundo o autor, um curso de Psicologia “que se proponha a tal reflexão a seus estudantes estará cumprindo um dos âmbitos do seu papel como agente formador” (p.145).

Sabendo da limitação de instrumentos disponíveis para uso diagnóstico no Brasil, a oferta de novos instrumentos pode se configurar como alternativa para que os psicólogos tenham seu trabalho substanciado por teorias empiricamente testadas e comprovadas. Nesse sentido, fomentar o estudo de construtos que ainda não são trabalhados de forma consistente na prática profissional e mesmo acadêmica, pode significar um ganho importante para as intervenções profissionais.

Faz-se necessária uma atitude de preocupação “com os avanços metodológicos, tecnológicos e teóricos, com a qualificação e normatização dos instrumentos disponíveis, com a necessidade de contextualização dos resultados obtidos, com a validade consequencial e clínica dos testes e com a relevância social das avaliações realizadas” (Reppold, 2011, p. 23), bem como maior cuidado com a formação profissional e com a atualização constante dos profissionais que se encontram atuando na área, o que poderá ser investigado em estudos futuros.

Os professores de Psicologia, devem ressaltar a importância dos alunos aprenderem o máximo de conteúdo no que tange os instrumentos de avaliação. Sabemos que não é suficiente o conteúdo no qual aprende nas Universidades, se faz necessário desde o primeiro semestre, a importância de após a conclusão do curso, buscar cursos de extensão, grupos de estudos, supervisão e Pós Graduação.

BIBLIOGRAFÍA

Aberastury, A. *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

Alchieri, J. C., & Bandeira, D. R. *Ensino da Avaliação Psicológica no Brasil*. Em R. Primi (Org.), *Temas em Avaliação Psicológica*. Campinas: Imprensa Digital do Brasil Gráfica e Editora Ltda, 2004.

Alves, I.C.B. Reflexões sobre o ensino em avaliação psicológica na formação do psicólogo. In C. S. Hutz (Org.). *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica* (pp. 217-242). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

Bandeira, D. R. Repensando a formação em avaliação psicológica no Brasil. In Conselho Federal de Psicologia Ano da avaliação psicológica: textos geradores (pp. 129-132). Brasília, DF: Autor, 2011.

Castro, P.F. & Rocha Jr, A. A Importância das Atividades Práticas no Ensino de Técnicas de Exame Psicológico. *Anais do VII Encontro Nacional sobre Testes Psicológicos e I Congresso Ibero-Americano de Avaliação Psicológica*. Porto Alegre - RS, 1997.

Conselho Federal de Psicologia. *Cartilha Avaliação Psicológica*. Brasília, Agosto de 2022.

Fonseca, C. M. S. M. S. Avaliação psicológica e suas vicissitudes: a formação do psicólogo como foco. In Conselho Federal de Psicologia. *Ano da avaliação psicológica: textos geradores* (pp. 133-138). Brasília, DF: Autor, 2011.

Kishimoto, T. M. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 1988.

Leite, R. F. Caixa lúdica e novas tecnologias. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte-MG, n. 45, pp. 145-148, julho/2016.

Lohr, S. S. Avaliação psicológica na formação do profissional da Psicologia, algumas reflexões. In Conselho Federal de Psicologia. *Ano da avaliação psicológica: textos geradores* (pp. 143-149). Brasília, DF: Autor, 2011.

Noronha, A. P. P. Avaliação psicológica segundo psicólogos: usos e problemas com ênfase nos testes Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, 1999.

Noronha, A. P. P. Testes psicológicos: conceito, uso e formação do psicólogo. In C. S. Hutz (Org.). *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica* (pp. 71-92). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

Noronha, A. P. P., & Alchieri, J. C. Reflexões sobre os instrumentos de avaliação psicológica. In R. Primi (Org.). *Temas em avaliação psicológica* (pp. 7-16). Campinas, SP: Ibpap / Imprensa Digital do Brasil, 2002.

Paula, L. de. *Psicanálise infantil: uma intersecção entre a teoria e a prática*. Secretaria de Estado da Saúde. São Paulo, 2017.

Reppold, C. T. Qualificação da avaliação psicológica: critérios de reconhecimento e validação a partir dos direitos humanos. In Conselho Federal de Psicologia. *Ano da avaliação psicológica: textos geradores* (pp. 21-28). Brasília, DF: Autor, 2011.

Rocha PK. *Crianças vítimas de violência: cuidar brincando*. Blumenau: Nova Letra, 2006.

Sparta, M. O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1/2), 2003.

Trevisan, M. J. Contextos em que a avaliação se insere. In Conselho Federal de Psicologia. *Ano da avaliação psicológica* (pp.121-125). Brasília, DF: Autor, 2011.

Urbina, S. *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Zimerman, D. E. *Manual de técnica psicanalítica: uma revisão*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Winnicott, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.